

DA ANTIGUIDADE A CONTEMPORANEIDADE: A DEFICIÊNCIA E SUAS CONCEPÇÕES

Nikolas Corrent¹

RESUMO: A pesquisa realiza uma abordagem sobre a transformação da deficiência com o passar dos tempos, visto que desde o surgimento da humanidade que a deficiência é uma questão a ser refletida, pois cada época, contexto histórico e social se mostram inerentes a essa reflexão por se tratar de um questionamento, preocupante, como assustador, levados por concepções e pior pelas ações que as essas sociedades faziam com os deficientes. Como também nos proporcionam questionamentos que nos levam a analisar as pessoas, como ignorantes, maldosas e preconceituosas. Como também nos traz a confiança e convicção de que a deficiência não é uma dificuldade, pelo contrário é motivação de se levantar e superar a todos esses obstáculos, de cabeça erguida. O presente artigo busca compreender as concepções das sociedades mediante a temática deficiência. Para isso vai se utilizar de pesquisa bibliográfica, como análise de artigos científicos. A produção do artigo teve embasamento teórico e bibliográfico, os quais destacam os conceitos quanto à deficiência em vários contextos, históricos, sociais, religiosos e econômicos, que vem a proporcionar uma sequência de fatores que findam em preconceito, superação, luta pelos direitos como o próprio reconhecimento.

PALAVRAS- CHAVE: Deficiência; Sociedade; Preconceito; Antiguidade.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade relatar as concepções das sociedades desde a antiguidade a sociedade contemporânea sobre a deficiência. Onde a própria história passa a ser testemunha dessa batalha que os deficientes enfrentaram, sempre foram marcadas por intensa rejeição e preconceito.

Cada época da nossa história os viu de formas diferentes, para uns foram considerados como loucos, bandidos, ou simplesmente foram excluídos pela sociedade, por serem vistos como incompletos incapazes ou anormais, ou até mesmo excluindo, ou isolando, mas também tinham aqueles que sentiam compaixão. Todos os viam mais poucos reconheciam seus verdadeiros valores, tudo isso proporcionou uma diversidade de sentimentos que ia da rejeição, solidariedade à aceitação.

¹Graduado em Licenciatura em Ciências Sociais pela Faculdade Guarapuava. Artigo apresentado para a obtenção do título de especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade de Educação São Luis (FESL). Email: nik_corrent@hotmail.com. Orientadora: Profa. Maria Tereza Garcia Faltarone.

Com os resultados dos avanços científicos a deficiência foi investigada e explicada, mas mesmo com o esclarecimento e a compreensão, da deficiência como um aparato normal da natureza humana em alguns casos, não o foi suficiente para romper com o preconceito.

Para conseguir superar a discriminação e se incluir na sociedade como uma pessoa “normal” não foi nada fácil, mais para muitos já foi alcançado, um exemplo dessa superação, que fizeram muitos compreender que existem diversidades, mas não diferenças, tudo isso passou a ser alcançado dia-a-dia, fazendo nosso olhar convergir para o enriquecimento da construção de um meio igualitário. A deficiência passou fazer parte de suas vidas de forma positiva, superando e compreender a real dificuldade que era estabelecer igualdade de oportunidades. Pois, estamos integrados a uma sociedade em que a palavra inclusão faz parte da vida das pessoas. Não podemos ignorar muito menos fugir desse mundo de diversidades, pois elas estão presentes em todas as partes.

A respeito dos objetivos específicos foi referido, compreender quais as concepções das sociedades sobre a deficiência, desde a antiguidade a contemporaneidade.

Quanto à metodologia, a finalidade era realizar uma pesquisa bibliográfica, ampliando assim o conhecimento quanto ao assunto, sobre varias visões, e instituindo uma melhor visão quanto ao contexto, mas pautava na análise desde dados bibliográficos, como nos artigos científicos, para assim chegar a uma conclusão.

A escolha do tema surgiu como um desafio a ser explorado que veio despertado pela curiosidade e pela observação cotidiana ao ouvir os conceitos das pessoas sobre a deficiência, quanto observar suas reações quando via uma pessoa deficiente, isso surgiu como uma curiosidade em analisar se as concepções mudaram, ou permaneceram, enfim como era os conceitos de deficiências a séculos atrás que não se tinha os conhecimentos, intelectuais, científicos e médicos que temos atualmente.

2. A CONCEPÇÃO DA DEFICIÊNCIA NAS SOCIEDADES ANTIGAS

O que ressaltamos é que na história da humanidade a deficiência sempre se fez presente, mesmo que de formas, mas omissas, escondidas, ignoradas, repreendida, julgadas, condenadas, aceita, ou seja, de uma forma ou de outra a deficiência sempre fez parte da história do homem, estão presente em suas concepções e preocupações, seja para o sentindo de aceitação ou negação.

Relevando as concepções que permearam as sociedades no percorrer do tempo quanto à questão da deficiência pautamos a nossa pesquisa para essa temática de conhecer essas concepções e poder melhor compreender as concepções de deficiência na contemporaneidade.

Ressaltamos que toda a história humana é fruto de abrangências que se assemelham e passam a defender alguns preceitos que podem ser bons, ruins, justos, injustos ou distintos, onde passam a beneficiar alguns e prejudicar outros. Dentre esses princípios surge à deficiência, que vai passar a abranger vários conceitos, conceitos que vão ser valorizados, criticados, excluídos, mantidos, dependendo de cada época, contexto histórico, social, econômico e até político.

Na antiguidade as sociedades gregas como egípcias e romanas já consideravam essa temática em seus contextos sociais, históricos. Cada qual com suas compreensões e atitudes.

Na sociedade Egípcia essas questões de deficiência eram, mas branda, onde não se excluía, julgava ou condenava, pelo contrario os egípcios se mostravam, mas caridosos quantos, essas questões, pois demonstravam afetos e preocupações com as pessoas que eram deficientes, oportunizando eles de terem trabalhos, como de poderem se sustentar e ter uma vida comum aos demais. Sobre isso:

Evidências arqueológicas nos fazem concluir que no Egito Antigo, há mais de cinco mil anos, a pessoa com deficiência integrava-se nas diferentes e hierarquizadas classes sociais (faraó, nobres, altos funcionários, artesãos, agricultores, escravos). A arte egípcia, os afrescos, os papiros, os túmulos e as múmias estão repletos dessas revelações. Os estudos acadêmicos baseados em restos biológicos, de mais ou menos 4.500 a.C., ressaltam que as pessoas com nanismo não tinham qualquer impedimento físico para as suas ocupações e ofícios, principalmente de dançarinos e músicos. (GUGEL, 2015, p.02)

E muitas vezes eles empregavam essas pessoas com deficiências nos mais altos cargos de funcionalismo dos faraós um desses exemplos eram as pessoas com nanismo, ou seja, pessoas com estatura baixas, que chegava a receber honrarias em suas mortes, reflexo de sua importância para os faraós como para própria sociedade. Gugel (2015, p.03) acredita que “os especialistas revelam que os anões eram empregados em casas de altos funcionários, situação que lhes permitia honrarias e funerais dignos”.

Mencionamos ainda que os egípcios valorizavam as pessoas com deficiências, porque era constante o fato de pessoas ficarem cegas no Egito, devido às tempestades de areia que acaba por proporcionar infecções que vinham a resultar em cegueiras.

O Egito Antigo foi por muito tempo conhecido como a Terra dos Cegos porque seu povo era constantemente acometido de infecções nos olhos, que resultavam em

cegueira. Os papiros contêm fórmulas para tratar de diversas doenças, dentre elas a dos olhos. Papiro médico, contendo procedimentos para curar os olhos. (GUGEL, 2015, p.04)

Diante de todo esse contexto social, políticos que era a teocracia, como social, climático e histórico, podemos dizer que os egípcios mesmo sem um conhecimento amplo, científico, médico, do que é a deficiência, mesmo assim se mostrou uma sociedade tolerante e respeitadora.

Diferentemente dos egípcios eram os gregos, uma sociedade que valorizava amplamente o corpo saudável o exercício físico, para eles era essencial manter a boa forma, era uma questão social. Muitos gregos levavam muito a sério a prática de exercício físico, como era o caso dos espartanos e atenienses, assim como menciona:

Entre as cidades gregas, duas tiveram papel de destaque, colaborando para a construção de modelos políticos, sociais e culturais: Atenas e Esparta. Essa valorizava a formação militar, que tinha como objetivo preparar os jovens para a guerra através do desenvolvimento da força, da coragem e da obediência. (MONTEIRO, 2009, p.7)

Quando pensamos em gregos, pensamos em grandes conhecimentos, construções, avanços sociais, intelectuais, pois os gregos se destacam na matemática, arquitetura, duelos, na ciência, como geometria, filosofia, na arte, na poesia, como também foi os primeiros a implantar a ideia de democracia.

Para os gregos a condição física do ser humano era essencial, principalmente considerando que eles enfrentavam constantes guerras, sendo assim tinham muitas polis gregas, ou seja, cidade-estado, que voltava a educação das crianças e jovens para atividades físicas, os Espartanos era um desses casos. Referente a isso:

A finalidade da educação espartana era formar guerreiros. Com 7 anos de idade, os meninos eram afastados das mães e ficavam até os 18 anos em escolas, onde aprendiam ginástica, esportes (corridas, lutas usando o corpo, lançamento de dardos), a ler e escrever e a manejar armas. O método exigia esforços: ficavam nus até nos dias frios, tomavam banho gelado, comiam pouco, apanhavam. Tudo isso para que ficassem resistentes como o ferro. Capacidade de suportar o sofrimento físico, disciplina, habilidade militar: esses eram os objetivos principais. (SCHMIDT, 2011, p.26)

Essa concepção os levava ao extremo do corpo, direcionando sua vida, para o treinamento pesado, envolvendo desde mulheres a crianças, onde “era comum à política da eugenia, com a proposta de fortalecimento das mulheres para que elas gerassem filhos fortes e saudáveis, além do abandono das crianças fracas ou deficientes” (MONTEIRO, 2009, p. 7).

Com o passar do tempo os gregos passam a praticar uma aliança entre o corpo e a mente, ou seja, a questão intelectual associada ao esforço físico, passando a auferir mais repercussões. Para eles ter uma saúde física perfeita era uma obrigação, não se aceitava aqueles que não estivessem dentro dos padrões físicos e sociais, ou seja, suas vidas se pautavam em busca de um corpo perfeito e resistente.

Platão, no livro A República, e Aristóteles, no livro A Política, trataram do planejamento das cidades gregas indicando as pessoas nascidas “disformes” para a eliminação. A eliminação era por exposição, ou abandono ou, ainda, atiradas do aprisco de uma cadeia de montanhas chamada Taygetos, na Grécia. (GUGEL, 2015, p.4)

Pois, eles adoravam realizar exercícios físicos e cultivar o corpo, uns dos motivos eram também as competições, que era um costume grego de extrema importância. Esses “adoravam exercícios físicos. Todos os anos havia importantes competições em várias cidades. (...) Nela, ocorriam os celebres jogos Olímpicos, (...)” (SCHMIDT, 2011, p.30).

Diante de uma cultura que valorizava extremamente o corpo saio, sarado, como também a mente, pois os gregos eram impecáveis em sua sabedoria, destacando em várias áreas, desde as poesias, teatro, músicas e outro, ou seja, “para os gregos, o corpo sadio deveria estar unido com a mente sadia, não se admitia a deficiência entre eles” (SCHMIDT, 2011, p.26).

Para os gregos os deficientes não tinham nada a contribuir com a sociedade, pelo contrário, estavam contrapondo seus ideais, sem mencionar que eram consideradas subumanas, ou seja, uma pessoa que está à baixa da vida humana. Sobre isso:

Em Esparta e Atenas crianças com deficiências física, sensorial e mental eram consideradas subumanas, o que legitimava sua eliminação e abandono. Tal prática era coerente com os ideais atléticos, de beleza e classistas que serviam de base à organização sócio-cultural desses dois locais. Em Esparta eram lançados do alto dos rochedos e em Atenas eram rejeitados e abandonados nas praças públicas ou nos campos. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2008, p.7)

Por isso, que os deficientes não eram aceitos pela sociedade grega, para eles os deficientes ainda crianças deveriam ser eliminados e o, mas impressionante do que essa concepção de eliminação eram como esses conceitos preconceituosos eram mencionados e defendidos por muitos, de uma forma natural e convincente, inclusive essa ideologia era defendida por grandes filósofos, como Platão e Aristóteles. O Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial evidencia que “Aristóteles e Platão admitiam essa prática,

coerente com a visão de equilíbrio demográfico, aristocrático e elitista, principalmente quando a pessoa com deficiência fosse dependente economicamente” (2008, p.8). Ainda sobre esse envolvimento:

Aristóteles. A Política, Livro VII, Capítulo XIV, 1335 b – Quanto a rejeitar ou criar os recém-nascidos, terá de haver uma lei segundo a qual nenhuma criança disforme será criada; com vistas a evitar o excesso de crianças, se os costumes das cidades impedem o abandono de recém-nascidos deve haver um dispositivo legal limitando a procriação se alguém tiver um filho contrariamente a tal dispositivo, deverá ser provocado o aborto antes que comecem as sensações e a vida (a legalidade ou ilegalidade do aborto será definida pelo critério de haver ou não sensação e vida) (GUGEL, 2007, p. 63).

Os gregos eram severos em seus conceitos apesar de serem os primeiros a implantar posteriormente a ideia de assistencialismo.

Quanto aos romanos à postura quanto à deficiência também era de discriminação, preconceito e desprezo. Garcia (2011) “na Roma Antiga, tanto os nobres como os plebeus tinham permissão para sacrificar os filhos que nasciam com algum tipo de deficiência”.

A sociedade romana considerava inútil a existência de deficientes e pior considera-os descartáveis, defendendo a ideologia de sacrificar, ou deixar a mercê da sorte, porque muitas vezes deixavam essas crianças em lugares de extremo perigo, como lugares em que viviam animais selvagens, famintos, com isso, acabavam por devorar essas crianças, outros as colocavam em rios ou em lugares considerados sagrados e as abandonavam.

Em Roma, também não se reconhecia valores em crianças “defeituosas”, mas havia um outro recurso além da execução que era o de abandonar as crianças nas margens dos rios ou em locais sagrados para serem recolhidas por famílias da plebe. (NEGREIROS, 2014 p.15)

Nessas circunstâncias ainda apareciam pessoas boas dispostas a ajudar e acabam por resgatar a essas crianças e acabam cuidando das mesmas, mas nem sempre acontecia isso, muitas acabavam morrendo. E isso acontecia como algo natural, onde as pessoas agiam sem se preocupar com que estavam fazendo de errado, ou com que as pessoas iriam pensar, era uma prática comum.

Ressaltamos ainda que muitos deficientes que sobreviviam eram por interesses comerciais, pois considerando que os romanos tinham hábitos de frequentar casas de prostituição, como os bordéis, com isso era comum os deficientes serem utilizados, como humilhados, Negreiros (2014, 15) “A Roma Antiga é cenário de um vil mercado de prostituição ou entretenimento utilizando se as pessoas com deficiência comercialmente”.

Ou ainda, os utilizavam como atrações de circo, menosprezavam a suas capacidades e direcionavam para atividades consideradas humilhantes de chacota, ou seja, tudo em benefício de regalias e interesses pessoais de pessoas preconceituosas que praticavam exclusão e exploração, pois os deficientes não viam outra saída a não ser aceitar o que lhes era proposto, porque se não perderiam a vida.

(...) Cegos, surdos, deficientes mentais, deficientes físicos e outros tipos de pessoas nascidos com má formação eram também, de quando em quando, ligados a casas comerciais, tavernas e bordéis; bem como a atividades dos circos romanos, para serviços simples e às vezes humilhantes. (SILVA, 1987, p. 130).

O que se percebe é que a humanidade infelizmente sempre expôs a sua discriminação, como a sua contestação a todos que fugirem dos padrões por eles estabelecidos como correto e pior que a maioria passou a aceitar e a defender essa ideia como se fosse algo eficaz, mesma que ela ferisse, discriminasse, ou até eliminasse os outros seres humanos. E infelizmente dentro dessa concepção é que os deficientes passaram a ser enquadrada, desde as primeiras sociedades, civilizações, a humanidade se fez preconceituosa e pior se achava no direito de eliminar a todos que não consistir em ser considerados perfeitos, não tiverem as mesmas culturas, não se apropriasse de suas concepções, como se as pessoas que não fossem iguais, ou não agissem da mesma maneira tivesse que ser excluídas.

(...) desde os primórdios da humanidade pessoas nasceram ou adquiriram alguma deficiência ou limitação que as impediram de realizar suas atividades diárias de forma autônoma. De maneira perversa, essas pessoas foram alijadas da sociedade e tratadas como estorvo ou “coitadinhas. (NEGREIROS, 2014 p.13)

Outra temática que gostaríamos de colocar, também relacionada ao Império Romano, que também atende a deficiência como assunto em questão, só que desta vez de forma, mas benéfico, que foi o surgimento do cristianismo, na vida dos romanos, com essa nova religião veio junto novos conceitos até então desprezados e ignorados, que era a questão de caridade, de pensar no próximo, de ajudar os necessitados. Essa ideologia cristã surgiu e veio de encontro com as dificuldades, vivenciadas pela sociedade, mas humilde como humilhada entre eles, mendigos, pobres, deficientes.

Foi no vitorioso Império Romano que surgiu o cristianismo. A nova doutrina voltava-se para a caridade e o amor entre as pessoas. As classes menos favorecidas

sentiram-se acolhidas com essa nova visão. O cristianismo combateu, dentre outras práticas, a eliminação dos filhos nascidos com deficiência. Os cristãos foram perseguidos porém, alteraram as concepções romanas a partir do Século IV. Nesse período é que surgiram os primeiros hospitais de caridade que abrigavam indigentes e pessoas com deficiências. (NEGREIROS, 2014 p.3)

A doutrina cristã trouxe algumas melhorias quanto o tratamento dos deficientes, as pessoas passaram a melhorar suas visões sobre os deficientes, passaram há aceitar um pouco mais, mas sempre mantendo o distanciamento social, mas, agora não os sacrificavam tanto, mesmo ainda discriminados, já eram mais o número de pessoas que ajudavam, mesmo que por temor do que teriam de enfrentar diante de Deus se não ajudassem essas pessoas.

Com o surgimento do cristianismo no Império Romano, ainda segundo Gugel (2007), tem-se como doutrina a caridade e o amor para com os indivíduos. Dessa maneira, a Igreja combateu, dentre outras práticas, a eliminação dos filhos nascidos com deficiência. E foi a partir do século IV que surgiram os primeiros hospitais de caridade que abrigavam indigentes e indivíduos com deficiências. (FERNANDES, 2011,135)

Pois, sabemos que em cada época a deficiência foi visada, como pensada de forma diferentes, em alguns momentos foi vista como castigo de Deus, pecado, como alguém sem merecimento de continuar vivendo, como imprestável, inválidos, incapaz, desprezível, enfim, valores e reconhecimento eram raros, só depois de um bom tempo que surgiram lugares que passaram a servir de abrigos para os deficientes.

(...) na Idade Média o abandono passou a ser condenado e as pessoas com deficiência começaram a receber abrigo em asilos e conventos, principalmente. Porém, nesse período. Era comum a crença de que a deficiência seria um castigo de Deus por pecados cometidos e, por isso, os indivíduos com deficiência eram alvo de hostilidade e preconceito. (SILVA, 2010, p.40-41)

A partir desse momento as pessoas começam a se preocupar socialmente com os deficientes, quanto com o seu rumo, ou seja, para onde deveriam se instalar, mas mesmo com essa preocupação a sociedade não se transforma em boazinha da noite para o dia, ela tenta sanar o problema de forma que sua consciência não pese, mas também, não quer deficiente inserido em seu meio social, como algo natural, por isso que passam a ser criados orfanatos, prisões e manicômios, lugares para isolar, ou melhor, retirar de circulação os deficientes, proporcionando o sentimento de missão cumprida, porque estavam os ajudando.

A partir do século XVII, os deficientes passaram a ser internados em orfanatos, manicômios, prisões e outros tipos de instituições, juntamente com delinquentes, idosos e pedintes, ou seja, eram excluídos do convívio social por causa da

discriminação que então vigorava contra pessoas diferentes. (BERGAMO, 2010, p.35)

Podemos dizer que por muitas gerações as pessoas com deficiências foram considerados como fracassadas, inúteis ou foram ignorados pela sociedade até se obter a concepção de inclusão. Mas, para isso necessitou-se a elaboração de leis, fazendo com que as pessoas aprendam a respeitar e aceitar as diferenças. Pois, a deficiência foi vista por muitos como incapazes de fazerem parte da sociedade, por isso, tratavam a internação como uma solução.

Depois passaram a serem referidos como loucos, foram considerados indignos de fazerem parte da sociedade, depois de anormais. Enfim, a sociedade, passa a tomar um pouco de consciência, mas sem perder o caráter preconceituoso e discriminatório.

Mas, foi posterior a segunda guerra mundial que começou de fato a grande preocupação quanto à deficiência, pois diante de lugares destruídos, milhões de pessoas mortas, além da enorme quantidade de pessoas feridas, pessoas que passaram a serem deficientes devidos os confrontos.

Tudo isso fez com surgisse a preocupação da sociedade com os direitos dessas pessoas que não eram deficientes e passaram a ser, pois se tratava de uma grande quantidade de ocorrências que variava desde o mental ao físico.

Foi a partir da Segunda Guerra Mundial que o direito necessita se preocupar com grupos sociais específicos, nesse caso surgem os mutilados da guerra, pessoas que foram para a guerra sem nenhuma deficiência e voltam às suas casas com algum tipo de mutilação que impedem a fruição normal de suas atividades de vida diária. (TAHAN, 2012, p.21).

A partir desse acontecimento que as pessoas passam a olhar os deficientes com outros olhos, porque antes se tinha a concepção de que se só nascia deficiente, assim impregnado, como aceito por toda a sociedade e de repente a sociedade se depara com pessoas, soldados, ou seja, familiares, amigos, colegas de trabalhos, heróis de guerra numa situação de dependência, de impossibilidades, deficiente.

Os seus conceitos simplesmente passam a ser repensados, de forma, mas coerente e consciente, porque a suas percepções preconceituosas já não tinha tanta força, diante da circunstância que se apresenta a sua frente, uma realidade que não se esperava, mas que os fez notarem que a deficiência tem causa e consequências e não era um mero castigo, maldição, além da percepção de que, essas pessoas independentes de suas limitações são importantes

para sociedade e que podem construir uma história, como contribuir na construção de um mundo melhor e mais justo.

Pois a deficiência pode ser vista como invalidez ou incapacidade por não poder estar praticando atos que consideramos normais para as pessoas que não possuem deficiência exemplo andar, falar, ouvir, enxergar, mas sabemos que a deficiência está longe de ser incapacidade, ela são e fazem a diferença, nesse mundo de iguais na diferença.

Com essas mudanças sendo estabelecidas pela sociedade e com o passar do tempo, as mudanças no contexto social, histórico a deficiência começa a ganhar novas concepções principalmente de aceitação como de apoio e a sociedades passa a aceitar como defender os direitos dos deficientes e sendo assim a deficiência vai conquistando seu espaço junto à sociedade, construindo sua história dentro da concepção de superação.

Mudanças sócio-culturais foram ocorrendo paulatinamente na Europa, cujas marcas principais foram o reconhecimento do valor humano, o avanço da ciência e a libertação quanto a dogmas e credices, reconhecendo-se que o grupo de pessoas com deficiência deveria ter atenção específica fora dos abrigos ou asilos para pobres e velhos. A despeito das malformações físicas ou limitações sensoriais, essas pessoas, de maneira esporádica e ainda tímida, começaram a ser valorizadas enquanto seres humanos. (NEGREIROS, 2014, p.15)

2.1 Deficiência no Brasil: uma realidade em debate

No nosso país a história que abrange a deficiência, não foi muito diferente das demais, a deficiência também foi algo que se apresenta desde início, a começar pelos conceitos indígenas quanto à deficiência.

No Brasil, a pessoa com deficiência foi incluída, por vários séculos, dentro da categoria mais ampla dos “miseráveis”, talvez o mais pobre entre os pobres (Silva, 1987). Na cultura indígena, onde as pessoas nascidas com deficiência era um sinal de mau agouro, um prenúncio de castigos dos deuses a eliminação sumária das crianças era habitual, assim como o abandono dos que adquiriam a deficiência no decorrer da vida. (NEGREIROS, 2014 p.16)

Assim, como em outras culturas a deficiência era visada como uma maldição, castigo e infelizmente também ocorriam a prática da eliminação, como do abandono, isso nos mostra que independente de cultura, de contexto social, histórico e temporal, os deficientes sempre foram vistos como pessoas que não mereciam o direito a vida e como vários os lugares, como civilizações a eliminação era sanar o mau pela raiz, e o sentimento parecia o mesmo imprudente e desprezível, a serem aceito pelos pais das crianças e por todos aqueles que presenciavam e se omitiam.

Podemos dizer que não somente os índios realizaram esse tipo de barbaria com os deficientes, mas que toda a sociedade brasileira, de uma forma ou de outra acabou por realizar, pois temos os que agiram, os foram condizentes com a situação, enfim a sociedade brasileira também realizou uma serie de preconceitos contra os deficientes.

Assim, fica claro que a deficiência em si não torna a pessoa com deficiência incapacitada, mas, a sua relação com o ambiente sim. Portanto, é o meio que é deficiente, pois esse, muitas vezes, não possibilita o acesso de forma plena a essas pessoas, não proporcionando equiparação de oportunidade. (LEITE, 2012, p. 51)

Direcionando para a nossa realidade presente, podemos mencionar que o país já melhorou muito quanto ao respeito e ao garantir os direitos das pessoas com deficiências desde educacional, profissional, como o social, mas ainda a muito a ser melhorado diante dos focos de preconceito que persistem em acontecer.

Atualmente no Brasil, como em outros países, felizmente, percebeu-se com o tempo que, as pessoas com deficiência poderiam estar socialmente integradas participando da vida educacional, laboral e cultural sem estarem restritas ao espaço familiar, hospitais ou as instituições especializadas. Esse é o reflexo da luta, iniciada nos anos 80, em defesa dos direitos das pessoas com deficiência e que reverbera nas legislações, nas políticas públicas e nas ações (...). (NEGREIROS, 2014 p.17)

Essas lutas que se ocorreram nos fizeram questionar quanto a nossa atitude diante da questão deficiência, primeiramente por nos mostrar o que o ser humano é capaz de fazer, só por superstição, preconceito e falta de respeito, como de informação e conhecimento, sendo assim tudo isso é reflexo de culturas, que se sentem superiores e melhores que as demais.

O modelo social da deficiência, ao resistir à redução da deficiência aos impedimentos, ofereceu novos instrumentos para a transformação social e a garantia de direitos. Não era a natureza quem oprimia, mas a cultura da normalidade que descrevia alguns corpos como indesejáveis (...) ao denunciar a opressão das estruturas sociais o modelo social mostrou que os impedimentos são uma das muitas formas de vivenciar o corpo. (DINIZ, 2009, p.69).

Perante isso é que mencionamos que devemos lutar com todas as forças para acabar com o preconceito, porque suas raízes ainda permanecem, e isso deve ser iniciado nos mais diversos lugares que venham a fluir esse preconceito desde escolas, lazer, mídias, enfim trabalhar em prol da causa de conscientização social.

Pois, à medida que a ciência avançava suas pesquisas e o tempo passava assim se criava uma nova forma de vê-los, contudo infelizmente o maior conceito que ainda permanece

mesmo que submerso é o preconceito, mesmo com os avanços científicos o esclarecimento e a compreensão da deficiência como um aparato normal da natureza humana em alguns casos, não o foi suficiente para romper com o preconceito.

Deficiência: perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente. Incluem-se nessas a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais. Representa a exteriorização de um estado patológico, refletindo um distúrbio orgânico, uma perturbação no órgão. (AMIRALIAN, 2000,p.98)

Anos, séculos se passaram, gerações se foram, sociedades terminaram, outras se formaram, mas o preconceito parece que criou raízes, porque independente da cultura ou religião, raça, sexualidade a sempre aqueles que vão se considerar superiores e aos demais e vão promover o preconceito, a discriminação e isso parecem que vai passando de geração para geração.

Parece que mesmo que se criem leis, punam, essas pessoas, elas sempre vão agir, mesmo que de forma menos aparente.

Por isso atualmente vem se trabalhando em cima do contexto inclusão, como a solução para o preconceito, pois o preconceito muitas vezes se faz devido o desconhecimento das situações, informações e sendo assim, com a inclusão as pessoas vão conviver com o diferente e vão fazer desse diferente algo normal e habitual, acabando com o preconceito e aprendendo a conviver, de forma respeitosa e, mas, aprendendo a ajudar.

Já o deficiente que vai ter uma oportunidade de mostrar que é tão capaz quanto qualquer pessoa “normal”, claro que dentre suas limitações e superações.

2.2 Inclusão: O conhecimento que falta para o fim do preconceito

Com o passar do tempo à sociedade vai evoluindo e com ela as suas visões vão adquirindo mais conhecimento, esclarecimento, claro que tudo isso em um processo lento, que enfrentou muitas dificuldades, mais também alcançou muitas superações, agindo em prol da melhoria das pessoas deficientes.

Ressaltamos ainda que o processo de inclusão se faz fortemente nas escolas, pois é lá que está nossos futuros formadores de concepções, por isso a importância de se incluir de forma consciente.

O processo inclusivo tem caminhado lentamente em nosso país e apresenta muitas variantes, de acordo com cada região. O acesso e a permanência de todos os alunos na escola são garantidos por lei, porém esses aspectos somente têm validade se o aluno, de fato, sentir-se acolhido pela comunidade escolar e obter êxito em sua trajetória acadêmica. (BERGAMO, 2010, p.39)

Por isso, que cada vez, mas, obtemos escolas trabalham dentro do contexto inclusão, e para melhor atender as suas necessidades, no ensino regular tem salas de apoio recursos, além de termos uma escola específica em Educação Especial atendida pelas escolas conveniadas que são as APAES, um nível de modalidade de ensino que foi criado para melhorar a qualidade.

A educação, que era parte fundamental neste processo, teve que sofrer uma radical transformação. Em todo o mundo, até aquele momento, as pessoas com deficiência haviam sido colocadas à margem da educação: o aluno com deficiência, particularmente, era atendido apenas em separado ou simplesmente excluído do processo educativo que tinha por premissa que os alunos deveriam obedecer a padrões de normalidade. (BRASIL, 2000, p. 83)

Mas, não podemos deixar de mencionar que mesmo com toda a obrigatoriedade da inclusão o preconceito prossegue, por que muitos ainda não aceitam a diferença. Por isso, que ressalvamos que infelizmente muitas vezes para se obter a garantia dos direitos e a igualdade na sociedade é necessários apelar para a lei.

O mesmo advém com a questão da inclusão, que para chegarem ao nível de ter aceitação espontânea, passou por uma longa e difícil história, que venceu preconceitos e superou barreiras, mas que infelizmente não sessou a luta por direitos e reconhecimentos como pela valorização.

Pois, por muito tempo eles foram considerados, incapazes, desprezíveis, foram isolados, excluídos e até aniquilados. As pessoas os viam como seres que não deviam fazer parte da sociedade. Essas atitudes e concepções foram mudando com relação a aniquilamento, isolamento, mas mesmo com a aceitação de poderem viver em meio à sociedade, a questão de preconceito e exclusão ainda persiste na concepção de muitos.

Mas na história da humanidade a imagem que muitos deficientes carregavam era a imagem de deformação do corpo e da mente. Tal imagem denunciava a imperfeição humana. Há relatos, segundo Gugel (2007), de pais que abandonavam as crianças dentro de cestos ou outros lugares considerados sagrados. Os que sobreviviam eram explorados nas cidades ou tornavam-se atrações de circos. O nascimento de indivíduos com deficiência era encarado como castigo de Deus; eles eram vistos como feiticeiros ou como bruxos. Eram seres diabólicos que deveriam ser castigados para poderem se purificar. (FERNANDES, p.134, 2011)

Essa concepção só vai mudar com as leis garantindo os direitos das pessoas com deficiências, mas as leis infelizmente não acabam com ignorância das pessoas que olham, julgam os deficientes, como pessoas, incapacitados, “coitados”, sendo que essa concepção é completamente incoerente, equivocada e errada, porque eles não são incapacitados e nem coitados, eles tem capacidade para levar uma vida normal dentro de suas limitações, que não deixam de serem felizes de alcançarem o sucesso. Pois, assim com eles, todos os seus humanos, tem suas dificuldades e superações. Por isso que ressaltamos que a educação especial é essencial.

Capítulo V

Da Educação Especial

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. 1º Haverá quando necessário serviço especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial. 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. (FERNANDES, 2011, p.121)

Com a Educação Especial garantimos os direitos das pessoas com deficiência, como asseguramos a possibilidade de um futuro com qualidade e crescimento, tanto na área pessoal como educacional.

Art. 3º Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica. (Res. Nº 2/2001 Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica apud FERNANDES, P.127, 2011)

Muito se transformou, evoluiu, mas quanto à questão da deficiência, melhorou muito pouco, pois em mentalidade ainda se permanece o preconceito atuante, mesmo com as formulações de leis que os protegem e garantem direitos, ainda faltam muito para as pessoas se conscientizarem, como realizarem para ofertar uma vida digna socialmente.

Muito se fala sobre a inclusão na contemporaneidade, mas muitas vezes isso fica só na fala, no papel, porque a prova maior de que a sociedade precisa apreender e muito para se considerar uma sociedade das diferenças se não necessite de leis que obriguem as pessoas a respeitar os deficientes e pior muitas vezes essas leis não são nem respeitadas acabam por

ignorar as leis, porque não os interessa como é caso das vagas de deficientes que são protegidas por leis, mas mesmo assim, na maioria das vezes são desrespeitadas e utilizadas por pessoas sem necessidades especiais.

É difícil admitir que a sociedade se modernizasse, mas, na mentalidade está presa no tempo, ainda vive a séculos anteriores, onde não se tinham explicações médicas, científicas e conhecimentos, mas amplo sobre a deficiência e por isso se via o deficiente como alguém inútil, incapaz, incomodo para a sociedade, agora diante de tanto conhecimento avanço científico, tecnológico e de vários exemplos de superação da deficiência ainda se permanece preso ao tempo e conceitos.

Mencionasse que se os fatores mudaram se ouve avanço e se conhece que não castigo de Deus e nem que os deficientes são incapazes, eles têm delimitações, mas, nem por isso não podem ser útil a nossa sociedade, nos indagamos, porque permanecemos com a mentalidade das primeiras civilizações será de ignorância ou porque pertencemos a uma sociedade preconceituosa independente de que contexto social, histórico e temporal em que se viva, porque o tempo passa, mas, o preconceito insiste em se fazer presente, antes era realizado abertamente, era visto como normal, agora ele é mascarado, muito séculos se passaram, gerações se forma e o homem evoluiu, a tecnologia se expandiu e evoluiu.

Mesmo assim a muitos que insistia em permanecer nesse mundo de ignorância que é o preconceito. E com isso ainda muito deficiente e seus familiares vivem com medo, receio. Ressaltamos que já não se extingue um deficiente como antes pelo fato de ser um deficiente e ser considerado um incomodo para a sociedade e nem preza pela força bruta, ou seja, o estado físico do ser humano, mas ainda se privilegia as pessoas sem deficiência, principalmente não se associam já mais, isso acaba por estabelecer uma barreira entre a sociedade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa estava pautado na temática quanto às concepções das pessoas referente à deficiência no contexto histórico que vai desde a antiguidade a contemporaneidade.

Diante dessa temática e com auxílio de materiais bibliográficos é que passamos a analisar e averiguar que a questão da deficiência não é um assunto recente, pelo contrário ele já é abordado há muito tempo atrás, onde ainda não se tinha o conhecimento científico e médico das causas e consequências e muito menos a noção de tratamentos.

O que se tinha são atribuições à causa da deficiência baseados em puro preconceito, discriminação, misticismo e crenças que somente viriam a prejudicar o deficiente, ao excluí-los, prende-los ou pior elimina-los como se não fossem seres humanos tão importantes quanto a todos os demais. Infelizmente esses conceitos perduraram por longos anos, séculos, gerações e diversas culturas, resistindo ao tempo, contexto histórico, religiosa, e até social.

As evoluções aconteceram o homem progrediu e com eles algumas concepções passaram a serem superadas, atualmente não se joga, ou deixa um deficiente à beira de um rio, ou lugar sagrado, também não se elimina e nem se deixa preso e nem, mas, se acredita que é um castigo de Deus.

O que ressaltamos é que tudo de certa forma progrediu, mas, ainda permanece vivo mesmo que de forma mascarada o preconceito, ainda as pessoas mesmo depois de muito tempo, de mudanças de contextos, sendo histórico ou social, persistem em defender ideologias preconceituosas ou de menosprezar o deficiente, como alguém sem valor social.

Claro que atualmente vivemos em uma sociedade em que existem leis que os protegem, como as garantem os seus direitos, antes jamais asseguradas, mas, o que nos preocupa diante da finalidade da pesquisa é em saber que mesmo depois de tanto conhecimento adquirido, estudos comprovados, as pessoas persistem em defender a ideia de que o deficiente é diferente do ser humano, considerado “normal” e com isso subestimam a suas capacidades e pior muitas vezes nem oferecem a oportunidade de demonstrar a sua capacidade, como competência, assim como qualquer pessoa, que também deverá aprender e assim como eles não saberá tudo e também vai ter limitações, porque qualquer ser humano é feito de erros, acertos e de limites e superações.

Por isso, ressalvamos que a deficiência é uma questão ainda em debate, mas, que deve ser cada vez mais mencionada, para ir incumbindo concepções que venham a mudar a mentalidade dessa nova sociedade que vai ocupar o lugar dessa geração, por isso o

investimento, como confiança na Educação em geral, primordialmente na Educação Especial na Inclusão como um ponto essencial para se começar a mudança, mas o principal é a conscientização do ser humano de que o mundo é feito pelas diferenças e a diferença é que faz o mundo ser cada vez melhor.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Ricardo Pinha, DANTA, Lucas Emanuel Ricci. **Direitos humanos e fundamentais da pessoa com deficiência: a superação de uma condição deficiente.** Centro Universitário Eurípides de Marília/SP. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=7b7324f8841c5f9a> Acesso em: 01/11/2015

AMIRALIAN, Maria LT, PINTO, Elizabeth B, GHIRARDI, Maria IG, Ida Lichtig, MASINI, Elcie FS e PASQUALIN, Luiz. **Conceituando deficiência.** Revista de Saúde Pública, VOLUME 34 NÚMERO 1, Universidade de São Paulo, 2000.

BERGAMO, Regiane Banzatto. **Educação Especial - Pesquisa e prática.** Curitiba, Ibpx, 2010

BRAGA, Adelaide Maria Melo. **Inclusão escolar de alunos com deficiência intelectual em escolas regulares.** 2010. http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.11/GT_11_12_2010.pdf. Acessado em 04/11/2015.

CAMBI, Franco. **Historia da Pedagogia.** São Paulo: UNESP, 1999.

DINIZ, Débora; BARBOSA, Livia; SANTOS, Wederson Rufino. **Deficiência, direitos humanos e justiça.** Sur, Rev.int. direitos humanos, vol.6, no. 11, dez.2009.

FERNANDES, Sueli. **Fundamentos para educação especial.** Curitiba: 2. Ed. Ver. E atual. Ibpx, 2011, Série Fundamentos da Educação.

FERNANDES, Lorena Barolo, Schlesener, Anita, Mosquera, Carlos. **Breve histórico da deficiência e seus paradigmas.** Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, Curitiba v.2. 2011. Disponível em: http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/Arquivos2011/NEPIM/NEPIM_Volume_02/Art08_NEPIM_Vol02_BreveHistoricoDeficiencia.pdf. Acesso em: 20/10/2015.

GARCIA, Vinícius Gaspar. **As pessoas com deficiência na história do mundo.** 2011. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/pcd-mundial> Acesso em: 01/11/2015

GUGEL, Maria Aparecida . **A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade.** Ampid (associação Nacional dos Membros do ministério Público de defesa dos Direitos dos idosos e Pessoas com Deficiência), 2015. Disponível em http://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD_Historia.php Acesso em: 21/10/2015

LEITE, Flavia Piva Almeida. **A convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência: amplitude conceitual.** Revista de Direito Brasileira. Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 31-53, jul/dez 2012

MONTEIRO, Alessandra Andrea. **Corporeidade e educação física: Histórias que não se contam na escola!** Universidade São Judas Tadeu programa de pós-graduação stricto sensu mestrado em Educação Física São Paulo, 2009

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Educação ESPECIAL: história, Etiologia, Conceitos e Legislação vigente.** Baauru, 2008. Disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/educacaoespecial/material/livro2.pdf>

NEGREIROS, Dilma de Andrade. **Acessibilidade Cultural: por que, onde, como e para quem?** Rio de Janeiro, 2014.

SASSARKI, R. Inclusão: **Construindo uma sociedade para todos.** 2. Ed Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, Otto Marques. “A Epopéia Ignorada”, “Uma Questão de Competência”, “A Integração das Pessoas com Deficiência no Trabalho”. São Paulo: Cedas, 1987

SILVA, Aline Maira da. **Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos/ Curitiba:** Ibpx, 2010 p.40-41.

SCHMIDT, Mário. **Nova História Crítica.** São Paulo: Nova Geração, 2011.

TAHAN, Adalgisa Pires Falcão. **A universalidade dos direitos humanos. In: Estudos e debates em Direitos Humanos.** SILVEIRA, Vladimir Oliveira da; CAMPELO (COORD), Livia Gaigher Bósio (ORG). São Paulo: Letras Jurídicas, v. 2, 2012.